

T10482

SIST. 59307

REY Ci 258

03a 0154-49

1. Reynaldo Moura
2. Meio de Semana
3. Correio do Povo
4. A importância da leitura para o embasamento cultural
5. Porto Alegre
6. 10 de março de 1949
7. nº 134
8. Seção - Arte e Literatura
9. Bem
10. Smelip Ester Rodrigues
11. 9 de abril de 1994

MEIO DE SEMANA

Reynaldo Moura

Tudo na vida é uma questão de leitura.
O mundo moderno é essencialmente.

intelectual. Pelo menos aquele que pode alguma coisa, o que determina acontecimentos, o que discute e pensa e cria. O pequeno mundo que paira acima do inumeravel rebanho e, infinitamente mais, que este possui uma capacidade inacreditável para ser feliz na sua compreensão da vida, no seu aprofundamento das coisas, mesmo através das horas amargas que acontecem fatalmente para todos, para os que leem e para os outros.

De vez em quando aparecem comentários de editores, de negociantes de livros, dando conta do mau negócio que às vezes fica a indústria de imprimir livros. O publico em momentos como este que estamos vivendo, não compra nenhuma novela nova, não se interessa pelo romance que acaba de aparecer, não tem nenhuma curiosidade diante do poeta que foi parar na vitrina de livraria em sua edição mais recente. Em grande parte a inflação explica essa fuga

ao livro. Esse abandono do elemento mais capaz de transformar a existência de um homem, enriquecendo-a com uma visão nova das coisas, dando-lhe um sentido mais profundo. Com grande parte a inflação explica, para certos setores da humanidade brasileira, esse desinteresse talvez forçado, pelo livro.

Nas a realidade, fora da inflação, é mais amarga do que geralmente costumamos pensar no nosso otimismo ilusório.

Já houve quem dissesse que no Brasil ninguém lê porque todo mundo escreve. Pensando sem a piada tem a sua razão de ser. Há muitos anos conheci um poltro que fazia parte dessa estranha turma de escritores que deliberadamente nos têm nada para evitar a influência dos outros nos seus trabalhos. Tinha um tanto horror a todas as páginas, principalmente as que possuíam a envolvente beleza literária de uma força nova, e que assim mais pre-

fundamente pudessem influir o seu espírito, determinando nos seus textos o aparecimento de qualquer tinta semelhante, sugerida pelo capcioso modelo involuntário. E nada tendo, o poeta escrevia seus poemas com a certeza absoluta de ser ele mesmo e mais ninguém, através da seca e monótona paisagem de seu espírito que não se renovava nunca. Mas essa certeza, ele a possuía...

Quanta gente, todos nós conhecemos, que tem opinião formada sobre qualquer assunto comumente abordado nas rodas de palestra, e que sobre o tema nunca leu nenhuma autoridade mais ou menos acatada! Temos o hábito de discutir sobre aquilo que não conhecemos, e aos donos desses olhos vírgens de leitura não ocorre nunca esta coisa tão simples: que é preciso conhecer para opinar. Nossa ausência de curiosidade intelectual explícita, em qualquer época, mesmo sem inflação, o baixo nível de vendas dos livros. E quando, ao nosso hábito de não ler, se alia uma si-

tuacão de aperto como a que es-
tamos vivendo, então as edito-
ras se arruinam, o livro não
encontra mercado, os que nos
bons tempos sempre adquiriam
sua novella mensal são obriga-
dos a poupar para andar mais
ou menos em dia com as despe-
sas inadiáveis que cresceram es-
pantosamente.

Das, realmente, ir buscar
entendimento às suas verdadei-
ras fontes, queimar pestanas en-
do o que é necessário para sedi-
mentar conhecimentos, quando
muito mais fácil é encontra-los
disseminados pelas revistas aque-
dáveis, constitui tarefa para quem
não tem mais nada que fazer...

Assim o livro nacional
ou nacionalizado, pela produção,
conta hoje com um mercado redu-
zido pela geral indiferença
dos possíveis leitores. É uma
espécie de greve intelectual, con-
tra a indústria editora, mas
que no fundo só arruína as
empresas, como principalmen-
te vai despiando os espíritos
até o dia em que estes se en-
contrem diante da vida, e aí

eservativizados às solicitações exte-
riores sem nenhuma força inti-
ma para reagir e modelar
seu próprio mundo de acordo
com o clima de cultura que nos pos-
suem.

É essa força do mundo inti-
mo que torna o homem maior dian-
te de si mesmo. Quando se diz,
por exemplo, que ler um romance
é coisa inútil, comete-se o grande
erro de separar a vida cotidiana
do mundo da cultura, que é o
mesmo e abrange todos os seto-
res. Um romance é uma lição da
experiência humana e quando tem
força suficiente enriquece a exis-
tência, é um elemento ativo de
cultura vital. Foram os roman-
ces do Nordeste que nos fizeram
olhar o Brasil desconhecido com
outros olhos. Eles deram à nação
consciência de suas misérias. É
pelo romance que começamos a
conhecer os povos.

Eles constituem um com-
plemento indispensável à vida
onde tudo, de certo modo, acabá
sendo uma questão de leitura
neste mundo de hoje tão rico
de problemas e contradições,

onde já não é possível discutir nada, sem ao menos ter lido alguns volumes — tão complexos vão ficando, no seu entrelaçamento, todos os temas da atualidade.

1. Reinaldo Houng
2. Meio de Semanas
3. Coneio do Povo
4. O romance escrito através do cotidiano
5. Porto Alegre [do jornal
6. 17 de março de 1949 T-483
7. nº. 140
8. Segão - Arte e Literatura
9. Som
10. Anelias Oster
11. 12 de abril de 1994

MEIO DE SEMANAS

(Especial para o "Coneio do Povo")
Reinaldo Houng

Cada dia que passa fica impresso em muitas páginas de jornal. Se a gente quiser, pôde imaginar o volume e a extensão dessa leitura diária, meditando sobre o número de cidades do mundo e o número de jornais em cada cidade. As horas desfeitas em cinza dos